

Disciplina: Análise cerâmica: teoria na prática - 60h/4 créditos

Professora: Lilian Panachuk - 1º/2016

Curso de Graduação em Antropologia

## **Análise cerâmica: teoria na prática**

### **Ementa**

A produção de um artefato cerâmico envolve diferentes processos operatórios, que estão conectados, emaranhados, e podem ser vislumbrados em um simples fragmento cerâmico. Estes processos operatórios são acionados e incluem a produção (coleta das matérias-primas, preparação de instrumentos e implementos a serem utilizados, e toda execução do objeto), seu uso (envolvendo usos primários e secundários, e ainda a reciclagem e os reparos), seu descarte (abandono do objeto por algum motivo) e ainda são afetados pelos processos pós-depositivos pelos quais passou o sítio arqueológico.

Estas histórias de vida, estas biografias, devem ser observadas durante a análise tecnológica do material cerâmico através de marcas distintivas presentes nos fragmentos. O objetivo deste curso de análise cerâmica é refletir sobre estes processos e identificar suas marcas específicas. Para tanto, será importante ter em vista as experimentações arqueológicas realizadas bem como o contexto ameríndio focalizando as sociedades ceramistas, especialmente através de trabalhos de etnoarqueologia.

Espera-se, desta forma, contribuir com instrumentos e debates especializados para que os estudantes sejam capazes de realizar suas próprias análises em materiais cerâmicos diversos. Desta forma será constante o uso de material arqueológico como diretriz para a reflexão.

### **Aula 1 (07/03/16): História da cerâmica e definições de argila**

LYNGGAARD, Finn. Tratado de Cerámica. Barcelona. Editora Omega. 1983. Pp. 1-62.

SOLSONA, Laja. Cerámica prehistórica y trabajo femenino en el argar: una aproximación desde el estudio de la tecnología cerámica. IN: Arqueología e Género. Romedo (ed). Universidad de Granada. 2005. P. 177-218.

BARCELOS NETO, Aristóteles. A cerâmica wauja: etnoclassificação, matérias-primas e processos técnicos. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 15-16, p.1-14, 2005-2006.

## **Aula 2 e 3 (14 e 21/03/16): Preparação da pasta e a cargas**

DRUC, Isabelle y CHAVEZ, Lisenia. Pastas cerâmicas em lupa digital. Componentes, textura y tecnologia. Deep University Press. 2014. 87p. (primeiro dia até página 52, segundo dia até o final)

## **Aula 4 (28/03/16): Técnicas de produção, objetos e morfologias**

CHMYZ, I. (ed.). *Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica. Cadernos de Arqueologia*, nº1. Paranaguá: Universidade Federal do Paraná (UFPR), p. 121-147. 1976.

LA SALVIA, F. & BROCHADO, J.P. *Cerâmica Guarani*. 2ªEd. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989. P. 5-33; 115-146.

## **Aula 5 e 6 (04/04 e 11/04/16): Tratamento de superfície e Decoração**

LA SALVIA, F. & BROCHADO, J.P. *Cerâmica Guarani*. 2ªEd. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989. P. 35-114.

PROUS, A. A pintura na cerâmica Tupiguarani. In: Prous, A. & Lima, T.A. (ed). *Os Ceramistas Tupiguarani. Elementos Decorativos*. Volume 2. Editora IPHAN/Sigma. Belo Horizonte, p. 113-216. 2010.

## **Aula 7 (18/04/16): Exemplos etnográficos**

LIMA, T. (1987). Cerâmica indígena brasileira. Suma Etnológica Brasileira. Volume2 - Tecnologia Indígena. Editora Vozes. Finep. Petrópolis/Rio de Janeiro. P. 173-230.

## **Aula 8 (25/04/16): Processos experimentais**

CEREZER, J. *Cerâmica Guarani: manual de experimentação arqueológica*. Erechim, RS. Habilis, 160p. 2011.

-Organização para o experimento com produção de tintas (organizar em duplas, escolher uma receita de pintura, tendo como base a leitura de Lima, 1987; organizar o material para o experimento, experimentar em sala na próxima aula).

## **Aula 9 (02/05/16): Vestígios de uso, de produção e pós-deposicionais**

DANTAS, V.J. & LIMA, T.A. *Pausas para um banquete. Análise de marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe*. Museu de Arqueologia do Xingó. 150p. 2006.

BICHO, Nuno. Manual de Arqueologia pré-histórica. E. 70. Compêndio. Lisboa. P.381-396.

-Experimento de tinta

## **Aula 10 (09/05/16): Desenho técnico e gestos**

AYTAI, D. (1991). Um estilo de decoração tupi: ordem no caos. *Publicações do Museu Municipal de Paulínia*, (48): 22-35, Paulínia.

JÁCOME, C; CARVALHO, A; PANACHUK, L. (2010). Os gestos na decoração de vasilhas Tupiguarani em Minas Gerais. **In**: Prous, A. & Lima, T.A. (ed). *Os Ceramistas Tupiguarani*. Volume 2. Editora IPHAN/Sigma. Belo Horizonte, p. 37-56.

### *Bibliografia complementar*

Luís Carlos Fortunato Lima. O Desenho Como Substituto Do Objecto. Descrição Científica Nas Imagens Do Desenho De Materiais Arqueológicos. Dissertação para obtenção Do Grau De Mestre Em “Prática E Teoria Do Desenho” Orientador: Professor Pintor Mário Bismarck. FACULDADE DE BELAS ARTES. UNIVERSIDADE DO PORTO 2007.

## **Aula 11 (16/05/16): Ficha de análise, amostra e tipologia**

MEGGERS, B. J., EVANS, C. *Como Interpretar a Linguagem da cerâmica*. Washington (DC): Smithsonian Institution, 1971.

LA SALVIA, F. & BROCHADO, J.P. *Cerâmica Guarani*. 2ªEd. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

CHMYZ, I. (ed.). *Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica. Cadernos de Arqueologia*, nº1. Paranaguá: Universidade Federal do Paraná (UFPR), p. 121-147. 1976.

## **Aula 12 (23/05/16): Análise de material**

MYAZAKI, Nobue & AITAY, Desidério. *A aldeia pré-histórica de Monte-Mor*. Campinas, São Paulo. Pontifícia Universidade. 1974.

BICHO, Nuno. Manual de Arqueologia pré-histórica. E. 70. Compêndio. Lisboa. P.397-412; 443-451.

### **Aula 13 (30/05/16): Análise de material**

BROCHADO, José Proenza; MONTICELLI, Gislene. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani por comparação com vasilhas inteiras. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 107-118, dez. 1994.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.-abr. 2011

### **Aula 14 (06/06/16): Tratamento dos dados: estatística, tipologia e classificação**

HILBERT, P. & HILBERT, K. Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, baixo Amazonas. *Antropologia*, nº 75. Belém/Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. 1980.

LIMA, Tânia Andrade. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *An. mus. paul.* [online]. 1995, vol.3, n.1, pp.83-84. ISSN 0101-4714. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47141995000100017>.

#### *Bibliografia complementar*

DUNNEL, R. *Classificação em Arqueologia*. Tradução Astolfo Araújo. São Paulo. Edusp, 259p. 2006.

### **Aula 15 (13/06/16): Tratamento dos dados: estatística, tipologia e classificação**

Aula final, debate sobre a conexão dos textos: experimentação e análise.

Apresentação de dúvidas e debate sobre o estudo de caso: Sítio Arqueológico em Análise.

### **Aula 16 (20/06/16): O que a cerâmica aciona? Visita à Exposição do Museu**

SILVA, F. *As tecnologias e seus significados. Um estudo da cerâmica dos Assurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva da etnoarqueológica*. Tese de doutorado. MAE-USP. - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 359p. 2000.

Entrega dos trabalhos finais

## **AVALIAÇÃO**

-AV1: Organização dos experimentos e fichas correspondentes - 20pts -AV2:  
Avaliação escrita sobre descrição do caco cerâmico. - 20pts

-AV3: Avaliação escrita sobre o processo produtivo da tinta - 20 pts

-AV3: Avaliação escrita sobre a análise do material cerâmico - 40pts